

VIDA MARGINAL



VIDA TRANS

Vida Marginal I

No momento que essa zine foi escrita, isso é, 2024, o termo "marginal" é usado e esvaziado como se fosse um adjetivo qualquer. Existe um apelo estético, se eu quiser me entrosar com uma parcela específica do punk e do crust no Brasil é só eu criar uma banda ou uma zine que tenha "marginal" no título, e esse também é o motivo por essa zine ter esse nome, mas, diferentemente de quem usa esse termo pra propagar o mais vazio e despolitizado dos ganguismos, essa zine é uma crítica. não consigo levar a serio a mania típica que os homens cis da cena tem de se vangloriar por amanhecer de madrugada junto com seus outros 8 ou 9 amigos de gangue (todos homens armados com canivetes, claro).



No Comida de Tartaruga o autor fala que sempre respeitará mais o straight edge de periferia que superou um vício do que o straight edge playboy que no fim da noite volta pro seu ap, dessa forma, eu não acho grande coisa quando um homem do alto de seu privilegio social decide ser marginal. Ele já tem a posição social que o põe como predador em vários contextos, ele já possui em si a expectativa social de que ele deve ser forte o suficiente pra se proteger e proteger o seu grupo, e, diferente de uma mina ou de uma trava marginal, ele não vai ter que lidar com muita opressão sistemática que só piora num contexto se rua: se ele for assediado será por pura exceção (é mais provável que ele assedie alguém, algo comum entre vários ciclos punks, ganguistas e marginais), ele não vai ter que lidar com a dinâmica de ter um corpo sexualizado e de ter que se impor na rua estando numa posição social de vulnerabilidade. Ele é um homem, ele tem o privilegio de escolher se quer brincar de The Warriors nas madrugadas ou se quer ficar em casa e ter uma vida simples. E se ele for playboy então? Aí só piora, alguns são jogados pra rua e não tem casa pra voltar, abraçaram o ganguismo como forma de sobrevivência, isso enquanto outros escolhem a rua por puro tédio.

Vida Marginal II

Não queria fazer um texto tão circular onde eu simplesmente joga a frase que costumo pixar por aí que é a frase "seja marginal, seja trans", mas, de certa forma me sinto obrigada: a marginalidade de ser trans não é a mesma usada de forma masculinista por hominhos rebitados. A marginalidade não aparece pra nós como hobby, mas como forma de se impor numa sociedade que nos oprime.

A nossa opressão é a norma, a ordem e a normalidade nos oprime, sendo assim, toda forma libertação para nós virá através da delinquência. A norma é que sejamos assediadas, atacadas e estupradas nas ruas, quando nós nos defendemos, quando revidamos com uma machadada, quando formamos gangues de pixo pra marcar território nas ruas e quando um homem na rua ao nos ver organizadas tem medo de mexer com nós e levar uma navalhada, a delinquência está fechando com nós, nós somos delinquentes e transgressoras por não aceitar a opressão que nós é imposta. A delinquência é a nossa forma de poder andar nas ruas sem medo de ser quem somos e amando quem amamos.

o imaginário popular é reflexo do padrão, do dominante, do que é perfilado pela propaganda e logo repetido pelas classes dominadas, essas que são assimiladas por uma forma de organização, de família, de ideias. essa "relação dialética" (como diriam os comunistas) reforça ao mesmo tempo que também cria toda uma mitologia e um antes idealizado sobre a origem e a função desses padrões. não nos ensinaram a ter empatia pelo diferente, o diferente não é nem considerado por não se encaixar na sociedade. É como quando um adolescente apaixonado reposta a foto conceitual de um casal e se idealiza naquela situação - o casal que esse jovem acha bonito e "estético" é, via de regra, um casal hetero, cis, monogâmico e branco, raramente tu verá alguém padrão postando a foto de um casal gay com a legenda "queria viver isso", tu nunca verá uma foto conceitual de um casal não-branco circulando o facebook, o twitter e o Instagram com pessoas falando sobre como aquele casal é aesthetic, como aquele casal é idealizável, como aquele casal é bonito e digno de ser tão desejável quanto um dos casais compostos por um homem e uma mulher brancos, magros e padrão.

Pra quem vive fora e renega esse imaginário só soa engraçado e vergonha alheia o quão previsível isso tudo é. É saber que se eu quiser engajamento em alguma página no facebook basta que eu poste a foto de algum europeu branquelo falando que ele é bonito, que eu poste a foto de uma mina cis padrão falando que quero ter o seu charme e o seu cabelo liso, basta que eu poste a foto de um casal branco pra que os jovens engajem a página com comentários onde eles marcam os seus afetos e falam sobre o quão "eles" aquela foto é.

é o "he was a punk, she did ballet", é o meme do "she was a _ girl and he was a _ boy" com a foto daquele casal padrão do breaking bad, é a "metadinha" feita com um casal hetero qualquer de algum anime.

isso é reproduzido em toda a sociedade, as vezes reproduzido por gente que não se encaixa ou que tenta romper esses padrões, e aqui a gente volta no tema do meu outro texto, texto onde eu disse que acho engraçado ver homem punk do alto de seu privilégio se gabando de sua "marginalidade" enquanto uma trava que mora em vila sofre mais marginalização e exclusão social diariamente do que qualquer homem vai sofrer a vida inteira.

Mas não sou parcial, não to aqui pra criticar o imaginário assimilacionista do punk pela segunda vez. pelo contrario, a ideia de escrever isso aqui veio enquanto eu ouvia Oi! e tocou uma música que falava que o homem operário é sempre o que mais sofre. isso faz parte da propaganda, a propaganda de que somente o homem sofre, de que somente ele tem direito de ser um coitado, de que quando ele abandona um filho quem mais vai sofrer vai ser ele por estar distante e não a mãe que vai precisar arranjar renda pra se sustentar e sustentar sua criança enquanto também tem que fazer os "trabalhos de cuidado", o trabalho doméstico de cuidar da casa, do filho, do gato e do cachorro.

E se essa mulher em algum momento fraqueja e bebe algo pra escapar dos problemas a culpa é dela: ela que fraquejou, foi fraca e falhou como mãe, não é digna de respeito ou de uma família.

o nosso imaginário skinhead é formado no convívio de uma sociedade, é um produto sub-cultural as vezes mais ou menos inclusivo de toda propaganda que nos cerca, sendo assim, é claro que a banda vai fazer uma música sobre o suposto sofrimento dos homens cis na sociedade e minimizar o quanto sofrem as mulheres e todas minorias que não tem espaço na sociedade capitalista. aqui eu proponho uma outra abordagem: que as skingirls não façam somente o papel de ser a parcela bonitinha, sexy e arrumada do movimento, mas que sejam tratadas como pessoas que sofrem tanto quanto o operário fabril, e que sejam vistas como tão fortes quanto o skinhead musculoso e briguento. e sobre ser trans, eu diria que não há vida mais crucificada que a vida das pessoas trans que vivem e sobrevivem no país que mais mata gente trans no mundo.

